

MAIO 2023

COMISSÃO MUNICIPAL
DE TOPONÍMIA

A close-up portrait of António MEGA FERREIRA, showing his face from the nose up, looking slightly to the left. He is wearing a dark suit jacket and a patterned tie. The background is a solid yellow color.

MEGA FERREIRA

ANTÓNIO MEGA FERREIRA

ESCRITOR E COMISSÁRIO DA EXPO'98

1949-2022



LISBOA

passa a partir de hoje a ter gravado nas suas ruas o nome de **António Mega Ferreira**.

A cidade que amou profundamente e que exaltou em muitas das mais de 40 obras que escreveu. Fossem ficção, novelas, contos, crónicas ou poesia.

A cidade que ajudou a transformar radicalmente quando, com Vasco da Graça Moura, no já distante ano de 1989, propôs a candidatura de Lisboa à Expo '98 como ponto fulcral e estratégico para as comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

António Mega Ferreira veio a revelar-se o verdadeiro criador do conceito da Exposição Mundial que colocou Lisboa no mapa como capital dos Oceanos e como cidade cosmopolita, moderna mas orgulhosa da sua história. Ele foi diplomata e arquitecto, urbanista e programador cultural, ambientalista e designer, planeador e político.

Há precisamente 25 anos, a Expo '98 veio devolver a Lisboa a frente ribeirinha oriental que se encontrava votada ao abandono, através de um vasto programa de regeneração urbana e ambiental. Permitiu desenvolver um território de 330 hectares com um modelo plurifuncional (com habitação, escritórios, comércio, áreas lúdicas e espaços verdes) que é hoje sinónimo de uma freguesia vibrante de atividade e exibindo uma qualidade de vida ímpar. Espaço este que, cumprindo a sua ideia de se tornar Parque das Nações, se prepara agora para acolher o Papa Francisco na Jornada Mundial da Juventude.

Escritor, jornalista, tradutor, António Mega Ferreira foi igualmente gestor de dois equipamentos marcantes na cidade: o Centro Cultural de Belém e a Orquestra Metropolitana de Lisboa.

A Câmara Municipal de Lisboa já em 2003 havia distinguido António Mega Ferreira com a Medalha de Honra da Cidade pelo alto contributo dado à cidade que o viu nascer. Hoje, quando ele infelizmente já não se encontra entre nós - e no preciso dia em que, há 25 anos atrás, a Expo'98 abriu as suas portas ao público - agradece-lhe e presta-lhe sentida homenagem, deixando para sempre o seu nome nas ruas da sua Lisboa para que todos possam reconhecer o papel que ele teve desde o dia em que viu a luz no velho bairro da Mouraria.

22 de Maio de 2023

Carlos Moedas

Presidente da Câmara Municipal de Lisboa



♦ Fotografia de Leonardo Negrão.

António Mega Ferreira afirmou um dia que gostaria de ficar «conhecido na história como um tipo que fez essas coisas todas»¹. Referia-se claramente ao seu amor à Cultura, no seio da qual desenvolveu a sua trajetória de vida, em áreas como o jornalismo, a escrita ou a gestão cultural. Reconhecido como um dos grandes intelectuais portugueses das últimas décadas e uma das figuras que mais dinamizaram o país na sua área, adotou o compromisso cívico de, em prol da liberdade individual, empenhar-se na educação social e cultural das populações.

Possuidor de uma ironia brilhante, impetuoso, “bon vivant”, defendia que “a vida não era mais do que uma educação para a alegria”², o que o levou a apreciar com deleite um charuto, na inauguração da Expo’98, evento ao qual o seu nome ficará para sempre ligado, já com o sentimento de missão cumprida.

António Taurino Mega Ferreira nasceu a 25 de março de 1949, na rua Marquês de Ponte de Lima³, à Mouraria. O pai era comerciante, possuía uma papelaria na Baixa e era sócio de uma loja de discos. Homem de ideais vincados, desde cedo António conviveu com a sua oposição manifesta ao Salazarismo e ao poder clerical, bem como a sua acérrima defesa dos ideais republicanos.



1 Prelo Editora, aquando do lançamento de Hotel Locarno, 2015.

2 TSF.pt.

3 O topónimo Rua Marquês Ponte de Lima foi atribuído por edital de 27/05/1902, nas antigas freguesias de Socorro e São Cristóvão, atual Freguesia de Santa Maria Maior.

Na infância frequentava assiduamente a biblioteca do pai, onde teve o primeiro contacto com os clássicos portugueses, como Eça de Queirós ou Camilo Castelo Branco. Envolto numa banda sonora de música italiana, a preferida da família, deleitava-se de igual modo com a ávida leitura de bandas desenhadas.

Frequentou o Liceu Normal de Pedro Nunes. Com a morte do pai, em 1969, teve necessidade de arranjar meio de subsistir e também pagar os estudos. Colaborou como tradutor de imprensa estrangeira no antigo SNI⁴. O gosto pelas línguas levou-o à fluência em vários idiomas e encarava a tradução como ato transversal à educação social e cultural, ato este que o acompanhou ao longo da vida, tendo passado pelo crivo da sua interpretação literária William Faulkner e Gabriel Garcia Marquez, entre outros.

Desde 1968, que António Mega Ferreira colaborava com o Comércio do Funchal, jornal oposicionista dirigido por Vicente Jorge Silva, enquanto frequentava a Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Em retrospectiva, reconheceu que tinha «alguma arte para passar entre as malhas da censura»⁵. A inclinação para o jornalismo acentuou-se com a formação em Comunicação Social, na Universidade de Manchester, para onde partiu em 1972. Observou: «O curso foi um curso experimental (...). Chamava-se Mass Communication, isto é, Comunicação de Massas. Era um curso que tinha a ver com jornalismo, de imprensa escrita, de televisão, de rádio, e de cinema também»⁶.

De volta a Portugal, viveu os tempos intensos e voláteis do pós Revolução de 25 de Abril de 1974. Trabalhou nos gabinetes de Raul Rego⁷ e de Vitorino Magalhães Godinho⁸, aquando das suas passagens ministeriais pelos governos provisórios.

4 Secretariado Nacional de Informação, do Estado Novo.

5 News Museum, s.d.

6 News Museum, s.d.

7 Raul Rego foi homenageado na toponímia lisboeta por edital de 26/11/2003, com a atribuição do seu nome a uma rua na antiga Freguesia da Charneca, atual Freguesia de Santa Clara. Fez parte do 1º Governo provisório em 1974, como ministro da comunicação social.

8 Vitorino Magalhães Godinho foi homenageado na toponímia lisboeta por edital de 20/01/2017, na Freguesia do Parque das Nações. Fez parte do 2º Governo provisório em 1974, como ministro da educação e cultura.



No entanto, a política serviu-lhe sempre como “leitmotif” para a Cultura, defendendo: «A visão política, as opções políticas devem obedecer a uma visão cultural. (...) uma visão consequente, articulada, coerente do que é a sociedade, do que são as pessoas, de para onde vai a sociedade»⁹, reiterando: «Não tenho essa vocação [política]. Não tem que ver com não acreditar ou deixar de acreditar nas instituições, sou um democrata. Como cidadão, intervenho, mas nunca senti propriamente uma vocação para o exercício de cargos governamentais, não me sentiria bem, e eu gosto de trabalhar em coisas nas quais me sintam bem»¹⁰.

Foi um dos nomes fundadores da redação do Jornal Novo, de tendência socialista democrática, em abril de 1975, cujo primeiro diretor foi Artur Portela Filho e onde se profissionalizou. Seguiu-se o semanário Expresso até 1978, ano em que entrou para a ANOP¹¹. No início da década de 1980, integrou a redação da RTP/Informação 2, o semanário O Jornal, e assumiu a chefia da redação do JL, Jornal de Letras, Artes e Ideias.

9 Revista Prelo, 2015.

10 Jornal de Negócios, 2017.

11 Agência Noticiosa Portuguesa, antecessora da Lusa.



Reafirmava com convicção a importância da sua profissão para a defesa da Democracia, da liberdade de expressão e da independência dos poderes políticos e económicos, dos quais se devia assumir como vigilante. Ao mesmo tempo, encarava-a como um desafio às suas capacidades, pois reconhecia a necessidade permanente de se manter informado e atualizado.

A revolução digital e o evento da internet trouxeram-lhe a preocupação da abordagem superficial e leviana dos assuntos. Entristecia-o o abandono da imprensa escrita. Diria: «Somos cidadãos com muito mais informação em bruto, mas somos cidadãos menos informados (...). A informação, necessita de ser retida, é necessário que fiquem coisas cá dentro, pois só assim se constrói a cultura de uma pessoa»¹²

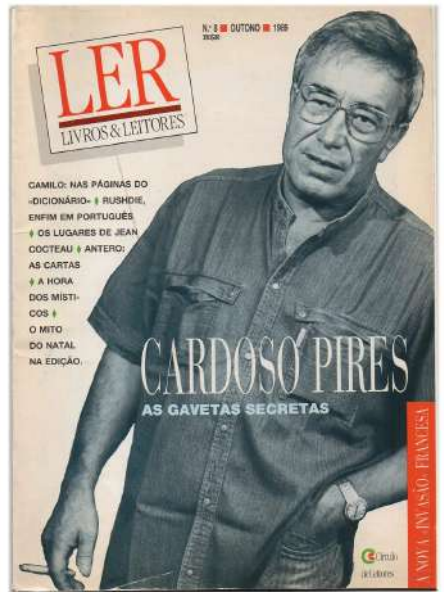
Mega Ferreira foi também diretor editorial do Círculo de Leitores, entre 1986 e 1988, ano em que largou o jornalismo. Criou a revista LER, que também dirigiu, e manteve uma colaboração regular com a imprensa, como cronista no Diário de Notícias, Expresso, O Independente, Público, Revista Egoísta, Visão ou o JL.

O seu nome tornou-se familiar aos portugueses com o evento da grande Exposição Mundial, Expo'98, de que foi Comissário.

Em 1988, o escritor Vasco Graça Moura, então Presidente da Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimientos Portugueses, convidou-o a integrá-la. A ideia da candidatura de Lisboa à exposição, já com

12

Jornal de Negócios, 2017.



♦ Revista "Ler. Livros e Leitores", nº 8, Outuno 1989

a temática "*Oceanos*" pensada, ocorreu num almoço no restaurante Martinho da Arcada, na Praça do Comércio, facto que viria a ser confirmado por ambos os comensais.

Mega Ferreira assumiu a Presidência da Comissão de Promoção da Expo'98 e, em junho de 1992, em disputa com a cidade de Toronto, Canadá, alcançou para Lisboa, do *Bureau International des Expositions*, a honra de organizar a última Exposição Mundial do século XX.

Os intensos anos que se seguiram foram dedicados à promoção da candidatura e ao lançamento e concretização do projeto. A Expo'98 seria inaugurada a 22 de maio de 1998. Um ano antes, Mega Ferreira assumiu, em paralelo, a direção da representação portuguesa na Feira de Frankfurt, que foi um sucesso.

A organização e o levantar da Expo'98 só poderiam ter sido concretizados por um homem de batalhas como o Comissário António Mega Ferreira assim o provou ser, ambicioso e decidido no rumo a tomar para efetivar aquilo que muitos achavam impossível, ou até desnecessário. Não foi fácil a convivência com o governo de então e além disso abundavam os críticos que acusavam o projeto de ser dinheiro "deitado à rua".



♦ Inauguração da Expo'98 e a sua mascote Gil. Bruno Portela, 1998. Arquivo Municipal de Lisboa.

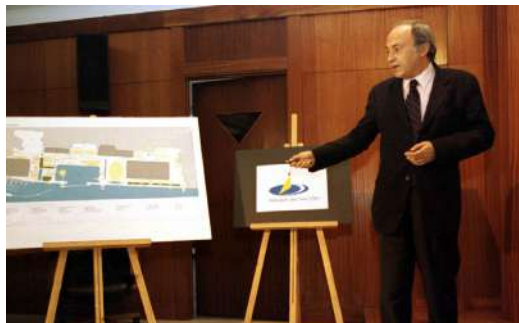
Não obstante, para orgulho de um Portugal anteriormente conformado ao ceticismo, a Expo'98 foi um sucesso. O público acorreu em massa ao grande evento e Lisboa tornou-se, repentinamente, uma cidade de referência mundial. É fácil recordar por quem a visitou, a maravilha perante o Oceanário, que continua a fazer as delícias de quem o visita, a nova sonoridade do Pavilhão Atlântico, palco de referência para os espetáculos na cidade, e a pala do Pavilhão de Portugal, da autoria do Arqtº. Siza Vieira, orgulhosamente identificada como a maior do mundo em betão armado. Também na memória, ficaram impressos os belos jardins, os inovadores eventos e a convivência saudável com o rio de Lisboa, o Tejo.



♦ Mega Ferreira com o visitante 1 milhão da Expo'98. Abílio Leitão, Junho 1998. Arquivo Municipal de Lisboa.

Em junho desse ano, em entrevista à agência Lusa, Mega Ferreira realçaria que as palavras de ordem do MRPP, que o tinham seduzido na Faculdade de Direito, quando acompanhava com Arnaldo Matos, «ousar lutar, ousar vencer» seriam o «grande ensinamento» deixado ao país pela exposição.

A grande Exposição Mundial foi também o motor da conjuntura que conduziu a um dos grandes momentos transformadores de Lisboa: a requalificação de uma extensa área até então votada ao abandono, que se estendia em paralelo ao rio, da Estação de Santa Apolónia a poente, ao Rio Trancão a nascente.



♦ Mega Ferreira numa conferência de imprensa sobre a abertura e futuro funcionamento do Parque das Nações. Bruno Portela, 1998. Arquivo Municipal de Lisboa



♦ Mega Ferreira numa conferência de imprensa sobre angariação de fundos para a Fundação do Gil. José Pedro Santa-Bárbara, 2000. Arquivo Municipal de Lisboa

Assumido o cargo de Administrador Executivo da Parque Expo 98, António Mega Ferreira deu corpo a essa obra de enorme dimensão. Já nas funções de Presidente da empresa (1999-2002), foi o responsável pelo sucesso da urbanização do território da atual freguesia do Parque das Nações, então Santa Maria dos Olivais, local de habitação e lazer, com alma e cheia de vida.

Partiu também dele a iniciativa da criação da Fundação do Gil¹³, para o crescimento da qual muito trabalhou. A Casa do Gil, como é conhecida, dá corpo a um projeto colaborativo entre hospitais e pediatrias de Portugal e dos PALOP, no âmbito dos cuidados domiciliares pediátricos e uma clínica especializada, além do centro de acolhimento de crianças que se encontram em risco social e/ou clínico e não podem estar junto das suas famílias.

É forçoso deixar aqui uma menção à Toponímia da área intervencionada¹⁴. Embora tenha sido consultada a Comissão Municipal de Toponímia, enti-

13 O “Gil” ficou conhecido como a mascote da Expo’98.

14 A toponímia da zona de intervenção da Parque Expo foi oficializada pela CML em dois editais. A toponímia da área a sul da antiga linha divisória dos concelhos de Lisboa e Loures por edital de 16/09/2009, onze anos após o evento. Passados quatro anos, foi oficializada a toponímia a norte dessa linha, por edital da CML de 6/5/2015, área que entretanto foi integrada no Concelho de Lisboa.

dade consultiva da edilidade para a temática, a Parque Expo 98 afastou-se da proposta camarária e ditou uma toponímia própria, imaginativa, enquadrada no contexto específico dos Oceanos. É assim que encontramos ninfas, oceanos míticos e heróis improváveis, a dar uma nota colorida à toponímia lisboeta.



♦ Fotografia de Nuno Ferreira Santos.

Após a Grande Exposição, novos desafios se levantaram a Mega Ferreira. Mantendo o seu percurso de relacionamento direto com a Cultura, é necessário realçar a sua intervenção como gestor cultural de vários equipamentos, com o objetivo pragmático de promover e difundir a Cultura, alcançando novos públicos.

Foi presidente do Conselho de Administração da Fundação Centro Cultural de Belém (2006-2012) e aí terá enfrentado, provavelmente, os maiores reveses do seu percurso profissional. Por falta de financiamento interno, foi cancelada a 7ª edição da Festa da Música, perdendo-se o apoio europeu e a parceria com as *Folles Jounées* de Nantes, mantidos desde 2000. A Festa foi substituída pelos Dias da Música, evento de menor realce. Também a perda

do Centro de Exposições do CCB para a instalação do Museu Coleção Berardo e a impossibilidade de concluir os novos módulos do Centro, grande objetivo a que se tinha proposto até 2011, deixaram a sua marca. Não abdicou, no entanto, de aumentar o peso do apoio à programação musical, e de abrir as portas do Centro à experimentação no campo do teatro e da dança, através de projetos como a Box Nova e a Fábrica das Artes.

Em 2013, vemo-lo como diretor executivo da AMEC, associação que gere a Orquestra Metropolitana de Lisboa, onde ficaria até ao final de 2019. A par da dinamização da atividade da associação e da elevação da oferta qualitativa, da formação profissional e da integração social pelo conhecimento, ficou registada a sua estabilização financeira.

Entre livros de viagens, crónicas, romances, poesias ou ensaios, a bibliografia do escritor António Mega Ferreira soma perto de 40 publicações. Esse compromisso com a escrita, a que nunca renunciou, assentava na capacidade que tinha de exprimir e comunicar às outras pessoas a sua jornada contínua de aprendizagem e desenvolvimento pessoal. Partilhava com entusiasmo o conhecimento profundo que possuía das coisas e dos sítios. Do processo de escrita afirmaria «Escrever é uma forma de ordenar – coisas, ideias, sensações. Há ideias que se tornam claras porque as escrevemos, antes disso são um magma.»¹⁵ Devotado, acreditava que a língua portuguesa resultaria enriquecida, com a manutenção da ligação a memórias eruditas e populares e sempre, à vida vivida.

A sua primeira obra, um cruzamento de ficções e referências, intitulada “O Heliventilador de Resende”, surgiu em 1985. Seguiram-se “As Palavras Difíceis” (1991), conto ilustrado por Fernanda Fragateiro, “Os Princípios do Fim” (1992), a primeira coletânea de poemas, e “Os Nomes da Europa” (1994), que reunia ensaios.

15

Jornal Público, 2017.



A produção intensificou-se a partir de 2000, com “A Borboleta de Nabokov”, primeira recolha de textos jornalísticos, temática a que voltaria em “Uma Caligrafia de Prazeres” (2003) e “Papéis de Jornal” (2011).

Com o universo ficcional de “A Expressão dos Afectos” (2001), venceu o Grande Prémio do Conto Camilo Castelo Branco. Regressou à ficção em “Amor e As Caixas Chinesas” (2002), e “O que Há de Voltar a Passar” (2003).

A escrita biográfica surgiu com “Retratos de Sombra e a Fotobiografia de Teixeira de Pascoaes” (2003), seguindo-se “Fazer pela Vida: um retrato de Fernando Pessoa, o empreendedor, Graça Morais: os olhos azuis do mar” (2005), “Abel Salazar: o desenhador compulsivo” (2006), e “Por Dom Quixote” (2006), personagem mítica da obra de Cervantes, a que regressaria com “O Essencial sobre Dom Quixote” (2016). No entanto publicaria “Uma biografia da infâmia” (2011), sobre o padre José Agostinho de Macedo.

A estreia no romance deu-se com “A Blusa Romena” (2008), inspirado num quadro de Matisse, enquanto que os retratos de Lisboa de Amy Yoes lhe serviram de inspiração para uma história de amor, “Lisboa Song” (2009). Em “Cartas de Casanova: Lisboa 1757” (2013), imaginou a vida do exilado de Veneza e “Em Vidas Instáveis” (2014), cruzou referências, de Leonardo Da Vinci a Marilyn Monroe, sob o conceito da instabilidade constante.

“Viagem à Literatura Europeia” (2014), “Viagens pela Ficção Hispano-americana” (2015), e “Mais Que Mil Imagens” (2020), revelaram o ecletismo do seu conhecimento e a facilidade com que o ordenava e transpunha para o papel.

Seguiram-se “Desamigados, ou como Cancelar Amizades sem Carregar no Botão” (2021), onde avançou pelos universos da literatura, da história, da filosofia, tratando na sua escrita relações como a de Júlio César e Bruto.

A sua derradeira obra surgiu em outubro de 2022. Intitulada “Roteiro Afetivo de Palavras Perdidas”, leva-nos a uma desconstrução de palavras desvanecidas do léxico, cruzando-as com vivências suas.



António Mega Ferreira tinha duas paixões de vida que se destacavam no seu universo privado. Eram elas Itália e o Sport Lisboa e Benfica.

Sobre a primeira, objeto de incontáveis viagens, dizia que tudo era mais marcado, desde o céu, que era mais azul, até à distância entre o bom e o mau, que era mais extremada. Admirava o “patchwork” de povos que moldava o italiano e admirava o seu amor por Dante, assumido poeta nacional e cola agregadora das populações, sentindo a pena de Camões nunca o ter sido para os portugueses. Confundia-o o desgoverno dos governos e a capacidade dos italianos de se fazerem funcionar. Acentuou que «Itália era um dos lugares míticos da construção de uma identidade cultural europeia que se centra na luminosidade expansiva e sensual do Sul, em alternativa à sombria meditação de indução luterana do Norte da Europa.»¹⁶

Abordou Itália nos seus últimos escritos, reconhecendo que «A viagem é muito enriquecida pelo exercício de escrita que fazemos sobre ela»¹⁷. “Hotel Lorcarno” (2015), “Itália, Práticas de Viagem” (2017), e “Roma - Exercícios de reconhecimento” (2010/2019), precederam a síntese ensaiada de Itália e Portugal, “Santo António, de Lisboa e Pádua” (2019), com fotografias de Mark Gulbenkian. Assinou o posfácio da coletânea “Poetas de Dante – Visita ao Inferno” (2021), e com “Crónicas Italianas” (2022), conquistou o Grande Prémio de Literatura de Viagens Maria Ondina Braga, da Associação Portuguesa de Escritores. Recebeu o Prémio Roma-Lisboa (2021), atribuído pela Fundação Prémio Roma, em colaboração com a Embaixada de Itália em Lisboa, que visa distinguir os grandes promotores da imagem, cultura e os valores desse país.



16 Jornal de Negócios, 2017.

17 Público, 2017.

Afirmou: «Até morrer, todos os anos hei de ir a Itália»¹⁸.

O Sport Lisboa e Benfica foi a sua outra grande paixão. Na sua memória de adepto, ficaram a conquista da Liga dos Campeões em 1961 e a vitória sobre o Real Madrid em 1962. Desde pequeno que assistia aos jogos do campeoníssimo clube no Estádio da Luz, onde manteve, posteriormente, um camarote. Destacava-o como uma referência na malha cultural e social portuguesa, um elemento de união entre pessoas de diferentes origens e classes sociais, que com ele partilhavam a sua própria identidade e reconheciam o futebol como um motor económico importante para o país.

📌 Jorge Sampaio condecora António Mega Ferreira com a Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo no dia de Portugal, Camões e das Comunidades Portuguesas. Nacho Doce, 1998. Arquivo Municipal de Lisboa.



Mega Ferreira foi agraciado com a Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo (1998), pelo Presidente da República Jorge Sampaio. A sua dedicação à cidade onde nasceu e o trabalho excecional que nela efetuou e, a que sempre se sentiu ligado de forma muito profunda, levou a que também a Câmara Municipal de Lisboa viesse a distingui-lo em 2003, com a Medalha de Honra da Cidade, pelo Presidente Pedro Santana Lopes.

António Taurino Mega Ferreira faleceu em Lisboa,
a 26 de dezembro de 2022.

A cidade de Lisboa, em sinal de profundo reconhecimento e agradecimento à personalidade singular do lisboeta António Mega Ferreira, tem a honra de o perpetuar na memória toponímica da cidade, com a atribuição do seu nome a uma rua na Freguesia do Parque das Nações.



BIBLIOGRAFIA

- TSF, Postal do dia, "Mega Ferreira morreu com luz na mesa de cabeceira", Luís Osório, 27/12/2022 | Consultado em 30/04/2023.
- Visão, Ideias, "Entrevista a Mega Ferreira - A posteridade não me interessa para nada, morremos e acabamos" (2019), Sara Bela Luís, 26/12/2022
https://visao.sapo.pt/ideias/2022-12-26-a-posteridade-nao-me-interessa-rigorosamente-nada-morremos-e-acabamos-nao-ha-mais-nada-a-ultima-grande-entrevista-de-antonio-mega-ferreira-a-visao/ Consultado em 02/05/2023.
- Jornal de Negócios, Economia/Cultura, "Recorde a entrevista de Mega Ferreira ao Negócios em 2017", Lúcia Crespo 26/12/2022
https://www.jornaldenegocios.pt/economia/cultura/detalhe/recorde-a-entrevista-de-mega-ferreira-ao-negocios-em-2017 Consultado em 30/04/2023.
- dn.pt, Sociedade, "António Mega Ferreira, 1949-2022. O fervilhante fazedor que sonhou e realizou", Artur Cassiano, 26/12/2022
_https://www.dn.pt/sociedade/antonio-mega-ferreira-1949-2022-o-fervilhante-fazedor-que-sonhou-e-realizou-15553243.html _ Consultado em 30/04/2023.
- SIC Notícias, Jornal 12, entrevista a Margarida Pinto Correia, 26/12/2022
https://sicnoticias.pt/pais/2022-12-26-Antonio-Mega-Ferreira-era-um-apaixonado-pela-vida-1b017dbb Consultado em 30/04/2023.
- Ípsilon, Política Cultural, "Morreu o intelectual e fazedor António Mega Ferreira, o mentor da Expo-98", Joana Amaral Cardoso, 26/12/2022_ Consultado em 30/04/2023.
- cnc.pt, Notícias, "António Mega Ferreira (1949-2022)", GOM 26/12/2022
https://www.cnc.pt/antonio-mega-ferreira-1949-2022/ Consultado em 28/04/2023.
- Antena 2, Império dos Sentidos, "Entrevista a António Mega Ferreira", Luís Caetano 07/11/2013
_ https://arquivos.rtp.pt/conteudos/entrevista-a-antonio-mega-ferreira-parte-i _ Consultado em 26/04/2023.
- RTP 2, Por Outro Lado, "Entrevista a António Mega Ferreira", Ana Sousa Dias 05/02/2001_https://arquivos.rtp.pt/conteudos/antonio-mega-ferreira/_ Consultado em 27/04/2023.
- Antena 1, Pequeno-Almoço, "Entrevista a António Mega Ferreira", Adelino Gomes 22/05/1996
https://arquivos.rtp.pt/conteudos/entrevista-a-antonio-mega-ferreira-11/ Consultado em 27/04/2023.
- RTP 1, Quarta Feira, "Entrevista a António Mega Ferreira", Carlos Cruz 06/01/1993.
_ https://arquivos.rtp.pt/conteudos/antonio-mega-ferreira-parte-ii-2_ Consultado em 26/04/2023.
- News Museum, Protagonistas, "António Mega Ferreira", s.a, s.d,
https://www.newsmuseum.pt/pt/protagonistas/antonio-mega-ferreira Consultado em 30/04/2023

EDIÇÃO_
Câmara Municipal de Lisboa

PRESIDENTE_
Carlos Moedas

PELOURO DA CULTURA_
Diogo Moura

DIREÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA_
Laurentina Pereira

DEPARTAMENTO DO PATRIMÓNIO CULTURAL_
Jorge Ramos de Carvalho

TÍTULO_
António Mega Ferreira

CAPA_
Fotografia Alfredo Cunha

TEXTOS_
António Adriano
DESIGN_
Ana Filipa Leite

TIRAGEM_ 250
DEPOSITO LEGAL_516116/23

EXECUÇÃO GRÁFICA_
Imprensa Municipal de Lisboa

Fotografias páginas 5, 7, 8, 12 e 15 cedidas pela família

COMISSÃO
MUNICIPAL
TOPONÍMIA

2023

